

# ETHOS, REFERENTE E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO: UMA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA DE MEMÓRIAS DO SUBSOLO, DE DOSTOIÉVSKI

*José Mágnio de Sousa Vieira\**

*João Benvindo de Moura\*\**

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é explicar como as noções textuais-discursivas de ethos e referente contribuem para o processo de construção de sentido de um texto. A pesquisa tem como corpus a obra Memórias do subsolo, de Dostoiévski (2009). Como pressupostos teóricos este trabalho embasa-se, dentre outros teóricos, em Maingueneau (2014) e Charaudeau e Maingueneau (2014), no tocante à noção de ethos; em Cavalcante (2011) e em Koch (2005; 2010; 2013), no que se refere aos elementos imbricados nas noções de referenciação e construção de sentido. Foram selecionados sete fragmentos evidenciadores da imagem do homem do subsolo. As categorias linguísticas analisadas de ethos e referenciação mostram que a relação texto/discurso não é dicotômica, pois, ambos desembocam na seara da significação textual-discursiva.

**Palavras-chave:** Ethos. Referente. Sentido. Texto. Discurso.

## ABSTRACT

The objective of this work is to explain how the textual-discursive notions of ethos and referent, contribute to the meaning of a text-building process. The corpus is the work underground memories of Dostoevsky (2009). As theoretical assumptions this work was underlies among other authors in Maingueneau (2014) and Charaudeau & Maingueneau (2014) regarding the notion of ethos, Cavalcante (2011) and Koch (2005; 2010; 2013) with regard to imbricated elements in referencing notions and construction of meaning. We selected seven disclosing fragments of the underground man image. The linguistic categories analyzed ethos and referral show that text relationship / speech is not dichotomous because both empty into the harvest of the textual-discursive significance.

**Keywords:** Ethos. Referent. Sense. Text. Discourse.

---

\* Mestre em Letras da Universidade Federal do Piauí magnoreute@bol.com.br.

\*\* Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais jbenvido@ufpi.edu.br.

## INTRODUÇÃO

Pode-se considerar o processo de referenciação como um dos elementos que contribuem para a construção de sentidos, pois é um mecanismo recorrente na língua e contribui sobremaneira para os processos de significação e de progressão dos objetos de discurso. Este trabalho busca explicar como as noções textuais-discursivas de ethos e referente contribuem para o processo de construção de sentido de um texto. Como objeto de análise esta pesquisa toma o livro *Memórias do Subsolo*, de Dostoiévski.

O texto não comporta todo o sentido sozinho. Com isso, algo fica fora da tessitura textual e provoca o que Koch (2011) denomina progressão referencial. O fato de o texto não abrigar todo o sentido, evidencia tanto sua incapacidade de dizer tudo o que pode ser dito baseado somente nele quanto sua capacidade de explicitar aquilo que pode ser dito e interpretado pela ancoragem contextual de quem o recebe.

### 1 O ETHOS DISCURSIVO

O termo ethos é designado por Charaudeau & Maingueneau (2014) como a imagem que o locutor constrói de si em seu discurso para influenciar seus interlocutores. De acordo com os autores citados o enunciador, em seu discurso, atribui a si uma posição institucional marcando sua relação a um saber e se deixa apreender como detentor de “*uma voz e um corpo*” (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2014, p.220, grifo nosso). Para eles, cada gênero de discurso comporta uma distribuição pré-estabelecida de papéis determinantes em parte da imagem de si do locutor, que pode escolher mais ou menos livremente sua “cenografia”, que lhe apregoa a postura a ser tomada. O ethos discursivo mantém relação estreita com a imagem prévia que o auditório pode ter do orador ou, pelo menos, com a ideia que este faz do modo como seus interlocutores o percebem. A representação da pessoa do locutor anterior a sua tomada de turno (ethos prévio ou pré-discursivo) fundamenta a imagem que ele constrói em seu discurso (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2014).

Como os discursos não são fixos, se movem e sofrem transformações, que os acompanham social e politicamente. O sentido não é imanente, sendo produzido face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. É por isso que uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos conforme o lugar socioideológico daqueles que a empregam. Há uma pluralidade de sentidos integrantes e decorrentes de diferentes discursos. Essa pluralidade é oriunda, sobretudo, das diferentes formações ideológicas de diferentes grupos sociais. A língua se insere na história e a constrói para produzir sentido. Um termo que significou algo no passado, em sua origem, significa ou a mesma coisa no presente ou outra coisa e pode continuar a significar o mesmo agora ou não. Conforme Fernandes (2008, p. 15):

[...] O estudo do discurso toma a língua materializada em forma de texto, forma-linguístico-teórica, tendo o discurso como o objeto. A análise destina-se a evidenciar aos sentidos do discurso tendo em vista suas condições sócio-históricas e ideológicas de produção [...]

O sentido depende das posições dos sujeitos envolvidos, pois, como o próprio autor explica, a enunciação tem um sentido e não outro dependendo da posição ideológica manifesta na enunciação, do lugar histórico-social de onde se enuncia e para quem se enuncia.

O ethos na perspectiva deste trabalho articula corpo e discurso no sentido que Maingueneau (2014) dá a essa inter-relação. O sujeito que o ethos pretende construir imagética e enunciativamente se manifesta discursivamente tanto por meio do estatuto, ou seja, da ideologia que dele emana, quanto por meio da voz que se associa ao seu corpo enunciante. Para o autor: “todo texto escrito, ainda que a negue, possui uma *vocalidade* específica que permite remetê-lo a uma caracterização do corpo do enunciador... a um *fiador* que, por meio de seu *tom*, atesta o que é dito...” (MAINGUENEAU, 2014, p. 271, grifo nosso). Desse modo, o ethos é um elemento encarnado que extrapola a dimensão verbal ao adentrar em determinações físicas e psíquicas mediadas pelo tom, pois esse serve tanto para o escrito quanto para o oral, conforme Maingueneau (2014, op. cit).

As características do ethos vinculam-se a uma posição variante dependente do texto e aparecem relacionadas ao psicológico, enquanto a corporalidade direciona seu interesse ao modo como o ethos constrói-se imagética e verbalmente quanto ao seu físico. O sentido, nessa perspectiva, fica a cargo do destinatário ou co-enunciador que identifica no ethos discursivo materializado por meio de elementos enunciativo-textuais que representam de modo irradiador características sociais e as avalia negativa ou positivamente e as confirma, renega ou modifica a fim de construir sentido. Para Maingueneau (2014), o ethos recebe do fiador, ou seja, daquele que valida o que o ethos mostra, um corpo que para ser legitimado deve ser incorporado pelo co-enunciador.

Maingueneau acredita as ideias do discurso das obras literárias: “só se apresentam nas obras através de um modo de dizer que remete a um modo de ser, ao imaginário de um vivência... trata-se de atestar o que é dito convocando o coenunciador a se identificar com uma dada determinação de um corpo em movimento...” (MAINGUENEAU, 2014, p. 274). Como pode ser observado, o entrecruzamento do ethos e do processo de construção de sentido do que se encontra materializado parcialmente no texto não é fixo, permitindo ao ethos sempre atualizar o sentido pelos movimentos que faz ao remodelar-se por meio da enunciação que irá apreender o corpo a uma contextualização histórica, conforme afirma Maingueneau (2014). Caso o co-enunciador não se identifique com o que o ethos itenta mostrar por meio de si, este pode atualizar-se por meio de mecanismos enunciativos reconfigurando sua imagem, intentando adesão que lhe garanta a existência nas instância discursiva e se não sua materialidade textual visível ao menos o vislumbre da silhueta de seu corpo.

## **2 O REFERENTE NA INTER-RELAÇÃO TEXTO/DISCURSO**

Cavalcante (2011) defende o objeto discursivo como uma construção cognitivo-discursiva que, linguisticamente explícito ou não no contexto, não deixa de constituir os processos referenciais. A mesma autora apresenta uma definição bem esclarecedora sobre o que vem a ser referente. Segundo Cavalcante (2011, p. 15):

[...] referentes são entidades que construímos mentalmente quando enunciamos um texto. São realidades abstratas, portanto, imateriais... é na interação, mediada pelo outro, e na integração de nossas práticas de linguagem com nossas vivências socioculturais que construímos uma representação - sempre instável - dessas entidades a que se denominam referentes [...]

Ainda segundo a autora, fazer referência a algo ao se reportar a pessoas, animais, objetos, sentimentos, ideias, dentre outros, em *Linguística de Texto*, é substantivar, tornar o referente essência ao falar ou escrever.

A referenciação defendida nessa proposta de análise é a que se une à coerência, definida como: “[...] o modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a construir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos[...] é resultado de uma construção feita pelos interlocutores, numa situação de interação...” (KOCH, 2013, p. 52). Além disso, para a autora citada, atuam conjuntamente para garantir a coerência uma série de fatores de ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interacional. Pode-se inferir, portanto, que a referenciação é de onde os sentidos emanam, e a coerência é o maestro dos sentidos coerentes materializados em seus contextos sócio-históricos.

Tais fatores podem ser, por exemplo, muitas coisas não ditas, mas que são usadas para interpretar um texto, conforme Marcuschi (2008). Esse autor afirma ser a coerência “[...] uma relação de sentido que se manifesta entre os enunciados em geral ‘e’[...] providencia a continuidade de sentido no texto e a ligação dos próprios tópicos discursivos [...] e se dá por razões conceituais, cognitivas [...]” (MARCUSCHI, 2008. p. 121). O autor afirma também que a coerência é um trabalho do leitor sobre as possibilidades que o texto oferece ao ser interpretado e ele deve permitir acesso a ela para garantir o entendimento, pois como o sujeito-leitor é histórico e social, a coerência é tanto articulação de vários planos do texto, quanto princípio interpretativo que está muito mais na mente do leitor e no ponto de vista do receptor que no interior das formas textuais.

A relação entre discurso e gramática é denominada por Martelotta (2012) como sendo uma espécie de simbiose. Provavelmente, tal relação seja semelhante a que se instaura entre o texto e o discurso, haja vista que através dessa inter-relação é que o sentido se instaura. Assim: “O discurso precisa dos padrões da gramática para se processar, mas a gramática se alimenta do discurso, renovando-se para se adaptar às novas situações de interação” (MARTELOTTA, 2012, p. 64). O mesmo autor apresenta o termo ‘sociocognitivismo’ para enfatizar a importância do contexto nos processos de significação. Para ele os significados resultam de processos complexos de integração entre diferentes domínios do conhecimento, e o sentido está na interpretação da entidade e resulta de uma atividade conjunta associada a operações de projeção e transferência entre domínios.

Quanto à significação, o autor citado se expressa da seguinte forma: “A significação é negociada pelos interlocutores em situações contextuais específicas, o que torna possível que elementos linguísticos se adaptem às diferentes intenções comunicativas, apresentando flutuações de sentido [...]” (MARTELOTTA, 2012, p. 181). Posteriormente, o referido autor afirma que os significados são construídos a partir do contexto discursivo e situacional através de uma rede de espaços mentais que operam um sistema de referenciação entre domínios cognitivos que é responsável pela compreensão e produção dos significados.

Acredita-se, portanto, que o discurso também renova o texto e reconfigura os sentidos nele contidos assim que seja recontextualizado, ou seja, o texto se ressignifica, se referencia e não se suporta sozinho. Por vezes funciona como suporte do discurso, embora não o suporte completamente.

O sentido do texto não está só nele, mas além de sua materialidade. Assim como o texto pode ser abrigado por suportes, os discursos são abrigados em textos e o sentido emerge justamente da incapacidade plena da qual o texto é desprovido, se entendido como elemento auto-suficiente, de abarcar todo o discurso como, também, as ideologias impressas em sua ‘tábula rasa’<sup>1</sup>. Desta forma, o sentido precisa ser assegurado e o usuário da língua procede a sua interpretação, pois o texto/suporte sozinho não consegue enunciar toda a ideologia presente no que é lido.

Parece ser a língua um campo de batalha no qual o usuário alia-se aos recursos que sejam necessários para proceder a uma progressão que permita ampliar por meio de argumentos a construção do sentido emanado por meio do que foi materializado textualmente. A interpretação textual parece ser o principal artifício utilizado para o resgate do sentido, pois, como o texto sozinho não dá conta de comportar todo o sentido, algo fica fora da tessitura textual, provocando o que Koch (2011) denomina progressão referencial, evidenciando a incapacidade de o texto sozinho dizer tudo o que pode ser dito com base somente nele e na sua capacidade de explicitar aquilo que pode ser dito e interpretado de acordo com o contexto de quem o recebe em dado momento, já que: “Os aspectos da interpretação dos enunciados[...] são eminentemente interacionais e requerem o conhecimento de práticas sociais.” (MARTELOTTA, 2012, p. 64).

No que diz respeito aos aspectos cognitivos envolvidos no processamento textual, é de extrema relevância apreciar o pensamento de Koch (2011) sobre o tema. Para a autora, a mente humana recebe, armazena, recupera, transforma e transmite informações e a Ciência Cognitiva defende que o homem representa o mundo que o cerca mentalmente, sendo que o conhecimento consiste em habilidades para operar sobre os conteúdos de experiência e utilizá-los na interação social.

Evidencia-se, desta forma, a relevância do estudo da referenciação, visto que por meio dela, se verifica como a cognição, os conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e interacionais se direcionam para um mesmo ponto em comum: a construção do sentido. Tal construção é explicitada através da contribuição dos processos referenciais presentes nos textos e na interação verificada nos múltiplos discursos que eles abrigam com os diversos sentidos que deles emergem, delineados coerentemente.

---

<sup>1</sup> O uso do termo ‘tábula rasa’ visa entender a inter-relação texto/discurso. As marcas discursivas materializadas via suporte textual, ou seja, as ideologias, permitem ver parte do significado, mas não tudo. A incisão ideológica na ‘tábula’, isto é, no texto, é apenas uma parte que permite fazer ligações com outros discursos. Assim como o papel em branco que deixa de ser branco ao contato dele com o lápis, a tábula deixava de ser rasa ao contato do estilete com a cera que a cobria. As palavras impressas nas tabulas, assim como as palavras escritas no papel materializam parte de uma ideologia para o discurso por meio do texto, mas há algo além da ponta do iceberg a espera de ter suas possibilidades de sentido sendo contempladas. De modo semelhante o contato entre os discursos e textos permite que eles não sejam mais somente eles, mas o ‘inter’ que lhes encaminha rumo à construção de sentido.

### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO, DESCRIÇÃO DO CORPUS, DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A primeira publicação de *Memórias do Subsolo* (*Zapiski iz podpólia*, em russo) data de 1864. O livro é dividido em duas partes, a primeira com onze capítulos intitula-se *O subsolo*. Nela, Dostoiévski faz uma advertência e explica que tanto o diário quanto seu autor são fictícios. A segunda parte intitula-se *A propósito da neve molhada*. Nela o autor constrói uma espécie de novela na qual narra acontecimentos de quando era jovem. A edição que serve como corpus para a presente análise foi traduzida pela Editora 34 e tem como título *Memórias do subsolo*. Dos sete fragmentos, aqui chamados sequências discursivas, quatro foram extraídas da primeira parte e três da segunda.

A seguir, podemos perceber um quadro com os sete fragmentos que serão analisados neste trabalho (Quadro 1). Os fragmentos serão, a partir de agora, denominados SD (sequências discursivas), pois não são necessariamente lineares em termos textuais, mas o são discursivamente, por conta dos concatenamentos ideológicos que suas conjunturas discursivas emanam. A análise intenciona partir da construção do ethos discursivo que o homem do subsolo vai construindo a fim de atingir textualmente a materialidade linguística que comprova, em sua enunciação, como a referenciação progride rumo a referenciar substantivando o sujeito que vai construindo seu ethos pejorativamente, mas com um sentido de valoração positiva, ou seja, as recategorizações que o Homem do subsolo dá a si mesmo intencionam torná-lo alguém importante.

Como podemos verificar, na SD1, há uma primeira tentativa do homem do subsolo de construir para seu alocutário uma imagem e ela é negativa. Entretanto, o fato dele iniciar de tal forma sua descrição apresenta outra característica: ele tenta enxergar em si uma normalidade, intenta honestidade. Desta forma, quando o interlocutor lê as características que o narrador substantiva, materializa, começa a construir uma imagem, um ethos desta entidade que não está fisicamente marcada, mas que mentalmente começa a ser representada a partir dos elementos textuais. A representação, enquanto mecanismo instável, ao progredir em seus propósitos, tenta atualizar a entidade. O homem do subsolo progride seu ethos, substantiva-se como **doente, mau, desagradável, supersticioso, instruído**. Os três primeiros termos se complementam, ele com eles intenta construir um ethos de maldade, o referente homem é recategorizado por termos que constroem uma imagem pejorativa. O termo **supersticioso** soa também pejorativo, enquanto que **instruído** soa positivamente. Entretanto, para o homem do subsolo, a instrução o mantém longe do médico, ele, apesar de respeitar a medicina, prefere ter cautela, e quem lhe dá a cautela é a superstição. No quesito doença, portanto, o homem do subsolo prefere seguir a superstição em detrimento da instrução. A instrução para o homem do subsolo é como uma arma para a superstição, mas com ele no quesito doença não é argumento suficiente para desvencilhá-lo do pensamento ‘retrógado’.

Na SD2 a progressão da construção imagética vai trazendo outras características que ampliam o ethos do homem do subsolo: ele recategoriza seu ethos como **Funcionário maldoso, grosseiro, arrogante e ignóbil**. Outras sequências, entretanto, mais aglutinadas em suas margens, permitem comprovar melhor a intenção do homem do subsolo de trazer para si a imagem de alguém mal. [Fui um funcionário maldoso... e encontrava prazer nisso.] Pode se verificar o quanto a construção do ethos contribui para a significação da tessitura textual, haja vista que ao mesmo tempo em que progride em sua caracterização imagética, contribui para o entendimento de quem seja o sujeito inominado

que tenta criar uma identidade própria. O sujeito não se preocupa em construir positivamente essa identidade, pelo contrário, apresenta termos pejorativos: os adjetivos o desqualificam para o que a conduta moral ocidental considera padrões positivos a serem almejados. O homem do subsolo não se incomoda com a repercussão do ethos que constrói para si nos outros, mas em construí-lo ao mesmo tempo em que se preocupa, quando em determinados momentos justifica o porquê de tomar determinadas atitudes e não outras, como é verificado na sequência a seguir: “*É um mau gracejo, mas não vou tirá-lo. Escrevi-o pensando que sairia muito espirituoso, mas agora percebendo que apenas pretendi assumir uma atitude arrogante e ignóbil, não o riscarei, de propósito!*”.

Quadro 1 – Fragmentos para análise

SD1	Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável. Creio que sofro do fígado... sou supersticioso ao extremo; bem, ao menos o bastante para respeitar a medicina. (Sou suficientemente instruído para não ter nenhuma superstição, mas sou supersticioso)... Mas, apesar de tudo, não me trato por uma questão de raiva. Se me dói o fígado, que doa ainda mais... Dizei-me: de que pode falar um homem decente, com o máximo prazer? Resposta: de si mesmo. Então, também vou falar de mim (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 15-18).
SD2	Já faz muito tempo que vivo assim: uns vinte anos. Tenho quarenta, agora... Fui um funcionário maldoso, grosseiro, e encontrava prazer nisso. Não aceitava gratificações; no entanto, devia premiar-me ao menos desse modo. (É um mal gracejo, mas não vou tirá-lo. Escrevi-o pensando que sairia muito espirituoso; mas agora, percebendo que apenas pretendi assumir uma atitude arrogante e ignóbil, não o riscarei, de propósito! Quando os solicitantes, com pedidos de informações, se acercavam da mesa junto a qual me sentava, eu lhes respondia com um ranger de dentes, e sentia um prazer insaciável quando conseguia magoar alguém. Conseguia isto quase sempre. Na maioria dos casos aparecia gente tímida: era natural, em se tratando de solicitantes. (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 15-16).
SD3	“Eu vos inquieto, faço-vos mal ao coração, não deixo ninguém dormir. Pois não durmais, senti vós também, a todo instante, que estou com dor de dentes. Para vós, eu já não sou o herói, que anteriormente quis parecer, mas simplesmente um homem ruinzinho, um chenapan. Bem, seja! Estou muito contente porque vós me decifrades... Os meus gracejos, senhores, são naturalmente de mau gosto, desiguais, incoerentes, repassados de autoconfiança. Mas isto realmente ocorre porque eu não me respeito. Pode porventura um homem consciente respeitar-se um pouco sequer? (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 27-28).
SD4	O melhor é a inércia consciente! Pois bem, viva o subsolo! Embora eu tenha dito realmente invejo o homem normal até a derradeira gota da minha bilis, não quero ser ele, nas condições em que o vejo (embora não cesse de invejá-lo. Não, não, em todo caso, o subsolo é mais vantajoso!) (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 50-51).
SD5	Naquele tempo, eu tinha apenas vinte e quatro anos. Minha vida já era, mesmo então, desordenada e sombria até a selvageria. Não me dava com ninguém, evitava até conversar, e cada vez mais me encolhia em meu quarto. No emprego, na repartição, forçava-me a não olhar para ninguém; mas notei muito bem que os meus colegas não só me consideravam um tipo original, como até – tinha esta impressão continuamente – pareciam olhar-me com certa aversão. Vinha-me à mente: porque ninguém, além de mim, sente ser olhado com aversão? (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 55-56).
SD6	Encontrei ali mais dois colegas de escola. Pareciam tratar de um caso importante. Nenhum deles notou a minha chegada, o que era estranho até, pois fazia anos que não nos víamos. Provavelmente, consideravam-me algo semelhante à mais ordinária das moscas. Nem mesmo na escola me haviam tratado daquele modo, embora todos me odiassem lá... deviam desprezar-me pelo fracasso de minha carreira de funcionário...era um sinal evidente da minha incapacidade e insignificância. (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 75).
SD7	“... desacostumando-me de tudo o que é vivo por meio de um enraivecido rancor no subsolo, por Deus que não é interessante: um romance precisa de herói e, no caso, foram acumulados <i>intencionalmente</i> todos os traços de um anti-herói, e, principalmente, tudo isto dará uma impressão extremamente desagradável, porque todos nós estávamos desacostumados da vida, todos capengamos, uns mais, outros menos. (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 145-146).

Fonte: Livro Memórias do Subsolo. São Paulo: Editora 34, 2009.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> As sequências discursivas foram transcritas do livro que constitui o corpus analisado fidedignamente. As reticências representam recortes feitos para a análise.

A polidez emerge, o sujeito toma consciência do que escreveu e do propósito do que manifestou textualmente, porém, ao verificar o que discursivamente pode significar sua materialidade textual, resolve deixar como estava, segundo ele, “**de propósito**”. Essa sequência permite verificar a incômoda barreira entre texto e discurso como uma relação de entremeios (ORLANDI, 2014) cuja fronteira é instável por se encontrar em terreno arenoso.

No nível textual, aqui entendido como o da materialidade linguística (sucintamente no contexto), verifica-se linearmente a contradição no nível do dizer, ou seja, há no nível textual duas sequências ou cadeias significativas distintas: uma em que o sujeito toma consciência de que sua construção não terá uma repercussão positiva em seus supostos alocutários, e outra que se sobressai pela atitude do mesmo em deixar a contradição marcada textualmente. O que transparece é que houve, em um nível “pré-textual”, de “pré-publicação”<sup>3</sup>, uma oportunidade de utilizar-se de polidez, mas que não foi aproveitada, pois o ethos discursivo que vem sendo desenvolvido no decorrer da progressão textual não envereda para o lado positivo, mas para o pejorativo.

Assim, a progressão textual vai tentando abarcar a carga significativa do nível discursivo sem obter êxito. Como se a escrita quisesse acompanhar a fala, o texto quer acompanhar o discurso, mas está fadado a, no máximo, materializá-lo. Eis aí a relação textual e discursiva, a imbricação em que um elemento necessita do outro. Toda a segunda interpretação se deu em um nível discursivo, mas não pode aflorar sem partir do nível textual. Assim, em meio às placas tectônicas do texto e do discurso, existe uma tentativa fadada à demolição perene de separar as duas, sendo que é do entrave, do choque entre ambas que emerge a onda sísmica do sentido.

Na SD3 a entidade confessa não possuir características heroicas, mas, ao assumir tal discurso, deixa aflorar um outro, o de que intencionava sair como um herói. Ao perceber que suas atitudes, as narradas, não condizem com a postura que se espera de um herói, resolve ficar com o ethos que já vem sendo textualmente materializado. Na sequência seguinte: [SD3 – “*Eu vos inquieto, faço-vos mal ao coração, não deixo ninguém dormir. Pois não durmais, senti vós também, a todo instante, que estou com dor de dentes. Para vós já não sou um herói, que anteriormente queria parecer.*”] a entidade quer manifestar-se como uma dor de dente, quer impingir no alocutário o efeito de sentido que uma dor de dentes causa a uma pessoa. Para tal, materializa-se como um anti-herói, como alguém que inquieta, que faz mal ao coração, que não deixa ninguém dormir, que faz sentir dor. Ele afirma em outra parte da sequência: [SD3 – [...] *não me respeito. Pode um homem consciente respeitar-se um pouco sequer?*]. Nessa sequência, a entidade, já discursiva e textualmente materializada como homem, tacha-se por **homem consciente** e contrapõe esse ethos ao de quem se respeita, apresentando, senão equívoco, ao menos contradição em seu ethos o que repercute na própria tessitura textual discursiva. Isto provoca no leitor uma barreira a ser superada que traz como consequência a progressão na leitura, no intuito de procurar entender o que está sendo dito. A indagação traz o alocutário à cena da enunciação, ou seja, a validação da enunciação mediada pela pergunta feita pelo narrador passa para o leitor do texto a confirmação ou não do exposto.

<sup>3</sup> O que em crítica genética pode ser tomado como processo de criação, que sucintamente engloba todas as etapas de elaboração de uma obra literária que se dão antes de o livro tornar-se público enquanto produto. Para um maior aprofundamento vide PINO, Claudia Amigo & ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever: introdução à crítica genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Na SD4 a entidade toma, enfim, para si o termo que melhor o reveste, o termo estável e instável, o subsolo. E como tal entidade já utilizou em outros momentos a palavra homem, a junção dos dois termos resulta no homem do subsolo. A entidade se tornou o homem e o homem se referenciou como um subsolo. A âncora passa a ser homem do subsolo que se recategorizou com diversos outros termos até chegar a uma terminologia própria, a saber: homem do subsolo. Nessa sequência: [SE4 - *o melhor é a inércia consciente! Pois bem viva o subsolo! Embora eu tenha dito que realmente invejo o homem normal... não quero ser ele, nas condições em que o vejo... não, em todo caso, o subsolo é mais vantajoso!*] o homem do subsolo recategoriza-se como o da inércia consciente, a inércia é tanto uma profundidade de espírito que leva à consciência quanto ao afastamento do comum. O comum é o homem normal, invejado pelo homem do subsolo, mas quem ele não intenciona ser, por preferir o subsolo a lhe dar consciência do estado real das coisas em detrimento da inserção social que lhe tornará um sujeito assujeitado às instâncias de dominação. Entre o social com amarras de consciência e o isolamento social com direito à livre consciência, o homem do subsolo prefere o segundo, por ser “mais vantajoso”.

Em SD5 o homem do subsolo constrói um ethos referenciando a idade. Na SD2 ele afirma ter, no tempo da enunciação, quarenta anos. Na SD5 ele remete a um fato de quando tinha vinte e quatro anos. Parece que o homem do subsolo ao tratar de fatos passados intenta explicar o porquê de ter se tornado quem é. Conforme a seguir: [SD5 - *Não me dava com ninguém, evitava conversar, e cada vez mais me encolhia em meu quarto... os meus colegas... me consideravam um tipo original... tinha... impressão... pareciam olharem-me com certa aversão.*] o homem do subsolo constrói um ethos introspectivo, de isolamento do convívio social, mas ao dizer que era considerado por seus colegas um **tipo original** demonstra uma certa satisfação em se taxar dessa forma, soa menos pejorativo. No entanto, em seguida, afirma ter a impressão de que os mesmos o tratavam com **aversão**. O próprio fato de usar a palavra **colegas** em detrimento de **amigos** marca seu distanciamento quanto ao vínculo social que tinha com os outros.

A SD6 novamente apresenta a palavra **colega**, conforme a seguir: [SD6 - *Encontrei ali mais dois colegas de escola... Nenhum deles notou a minha chegada, o que era estranho até, pois fazia anos que não nos víamos. Provavelmente, considerava-se algo semelhante à mais ordinária das moscas.*], que reforça o distanciamento do homem do subsolo, inclusive ele diz que não os vê há anos e a reação deles é de estranhamento para com ele. O referente **homem do subsolo** se recategoriza partindo do pressuposto do que acredita que seus colegas atribuem a ele: uma mosca. O ethos se constrói progressivamente rumo a uma imagem pejorativa. Em outra sequência ele afirma: [SD6 - *nem mesmo na escola me haviam tratado daquele modo, embora todos me odiassem lá... pelo fracasso de minha carreira de funcionário... sinal de minha incapacidade e insignificância.*] Os termos **fracasso**, **incapacidade**, **insignificância** servem como peças utilizadas na montagem de um mosaico depreciativo, pejorativo que em conjunto constroem uma imagem do referente homem ‘do subsolo’ de modo negativo. O ethos do sujeito não progride a menos que as peças selecionadas sejam linearmente defeituosas para os padrões sociais. Nesta sequência não há ‘tumulto discursivo’, toda a enunciação cabe no texto, o texto suporta toda a carga significativa a que se propõe o discurso. Não há abalo sísmico.

SD7, ao contrário do que foi dito acima, com relação a SD6, não deixa a enunciação transcorrer sem tumulto. [SD7 - *desacostumando-me de tudo que é vivo por meio de um enraivecido rancor no subsolo, por Deus que não é interessante: um romance precisa de um herói, e, no caso, foram acumulados intencionalmente todos os traços de um anti-herói, e, principalmente, tudo isso dará uma impressão extremamente desagradável, porque, todos nós estamos desacostumados da vida, todos capengamos, uns mais, outros menos.*] Nessa sequência, o homem do subsolo desconstrói sua novela, pois afirma ser um anti-herói, personagem característico desse gênero. O protagonista, ele mesmo, junta em si todos os traços de um anti-herói, ou seja, o ethos construído por ele é de um sujeito, conforme ele próprio se recategorizou durante toda a tessitura textual, doente, mau, desagradável, homem ruinzinho, chenapan<sup>4</sup>, invejoso, avesso, mosca, fracassado, incapaz, insignificante etc. A negociação envolvida no processo de significação para a construção do sentido, embora seja negociada entre os interlocutores, parte sempre daquilo que se encontra materializado textualmente. Parece que no grupo dos que capengam o homem do subsolo está inserido no daqueles que capengam mais que os outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As recategorizações que se fazem para o referente homem ‘do subsolo’ são majoritariamente negativas. O texto visto como o suporte do discurso, que às vezes o comporta, às vezes não o suporta, e nesse não suportar obriga o alocutário a construir sentido ao texto materializado, também é ponto de atrito com os discursos nele presentes.

O ethos se aproxima da imagem prévia que os interlocutores têm do tópico discursivo. As categorizações do referente constroem um ethos que permite a progressão textual rumo a um fechamento simbólico, o da significação sempre ressignificada. Toda vez que o ethos atribui a si uma característica, ele se referencia e cada referência feita atribui ao sujeito uma imagem nova que ressignifica o mesmo pela enunciação, pela construção do ethos, pela referenciação. O que renova, atualiza o sentido ao tempo que o constrói.

O ethos analisado neste trabalho foi, se não o mais, ao menos um dos principais artifícios para a retomada do sentido, bem como para a possibilidade da progressão do nível textual instrumentada pelos processos de recategorização do referente. A imagem, ou seja, o ethos, é referenciada por meio das recategorizações.

O contexto acaba por permitir ao texto significar além do próprio texto, mas a não ser que se ancore no real materializado no nível textual, o discursivo não pode significar nada. A construção do sentido que chega a alcançar o discursivo mostra-se, depois de todo o exposto, como sendo maior que o texto, porém se construindo sobre ele até que transborde dele e seja compreendida discursivamente.

---

<sup>4</sup> De acordo com Boris Schhnaiderman, tradutor do livro que serve de corpus deste trabalho, o termo chenapan designa “Vagabundo, bandido, calhorda, em francês.” (Dostoiévsk, 2009, p. 27).

## REFERÊNCIAS

- CAVALCANTE, M. M. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.
- DOSTOIÉVSKI, F. **Memórias do subsolo**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2010.
- KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2013.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- \_\_\_\_\_. Ethos, cenografia e incorporação In AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARTELOTTA, M. E. (org). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2012.
- ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2014.

